

A LEITURA E A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NA EJA

Lucilene Aparecida Pereira Marques de Carvalho

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discorrer acerca de pressupostos teórico-metodológicos básicos concernentes às práticas de leitura na Educação de Jovens e Adultos que contribuam para a formação de um saber-fazer de melhor qualidade nesse âmbito educacional. O referencial teórico da pesquisa em questão traz alguns autores clássicos de Teorias Pedagógicas direcionada à EJA que abordam conceitos que podem auxiliar na revisão de literatura a ser realizada. Dentre os autores estão: Freire, Romão e Pacífico, Teberosky e Cardoso, Alarcão, Imbernon. Para realização deste trabalho, utilizamos de pesquisa bibliográfica, valendo-se de instrumentos tais como: revistas e artigos especializados à área da educação, internet, vídeos entre outros. Concluiu-se que a importância da Mediação e do Mediador na superação das dificuldades decorrentes do trabalho com a leitura no cotidiano escolar da EJA.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Mediação. Leitura

ABSTRACT

This paper aims to discuss basic theoretical-methodological assumptions concerning reading practices in Youth and Adult Education that contribute to the formation of better know-how in this educational field. The theoretical framework of the research in question brings some classic authors of Pedagogical Theories directed to EJA that address concepts that can help in the literature review to be performed. Among the authors are: Freire, Romão and Pacific, Teberosky and Cardoso, Alarcão, Imbernon. To perform this work, we use bibliographic research, using instruments such as: magazines and articles specialized in the area of education, internet, videos and others. It was concluded that the importance of Mediation and Mediator in overcoming the difficulties arising from working with reading in the daily life of the EJA.

KEYWORDS: Youth and Adult Education. Mediation. Reading

Bacharel em Direito – IMES Catanduva – SP (2011); Especialista em Libras – UNAR (2017); Conciliadora/Mediadora em 1ª Instância e Auxiliar da Justiça do Tribunal de Justiça de São Paulo. Professora de Filosofia e Sociologia no Estado de São Paulo. luc_ape@hotmail.com

Recebido em: 15/08/2022 - Aceito para publicação em: 02/12/2022

INTRODUÇÃO

A mediação pedagógica é tida como fator preponderante na incorporação da leitura como hábito no cotidiano das pessoas que frequentam a EJA. Importa dizer que mediação pedagógica consiste na ampliação da cultura do indivíduo, objetivando a sua atuação de modo crítico na realidade em que está inserido e por meio da interação com outras pessoas possa ser um indivíduo reflexivo e assim mudar seu cotidiano.

E essa mediação pedagógica só será eficaz se o professor promover uma aprendizagem significativa e para tanto, se faz necessário penetrar no pensamento do aluno fazendo com que ele realmente sinta a necessidade da leitura.

Nesse sentido Paulo Freire (1996, p.62) faz uma sábia colocação: “Meu bom senso me diz. Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com o que se sabe, me leva inapelavelmente a criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante”.

Ainda de acordo com estudo realizado por Ferreira (2012) no âmbito educacional quando há o trabalho com Jovens e Adultos é preciso repensar em práticas pedagógicas inovadoras que tragam a leitura como tempo produtivo na vida dessas pessoas; em que a leitura seja atividade de formação do sujeito crítico e que o princípio da contextualização do conhecimento e da aprendizagem significativa não esteja presentes apenas nos documentos, mas que sejam o ponto de partida para os trabalhos escolares, assim como se espera que as representações da leitura como via de acesso ao conhecimento orientem a interação com a cultura escrita.

Em uma publicação de Loss (2012) a autora relata que em uma sociedade em que a prática da leitura tem sido freada ao longo do tempo por um Estado que tem criado mecanismos para controlar tudo e todos, poucos são os conhecimentos que exercem alguma importância e que tenham sido trabalhados pelas camadas menos favorecidas e por isso, é importante a compreensão do sistema de leitura e escrita pelos professores com afinco para que os mesmos levem aos seus alunos

jovens e adultos a assimilarem esse sistema e entenderem o quanto se faz importante a leitura na vida de uma pessoa.

Coimbra e Souto (2011) relatam em seus estudos a importância de mostrar como a leitura é fundamental na vida de um indivíduo, pois amplia e integra conhecimentos, enriquece o vocabulário, facilita a comunicação, torna a pessoa mais capacitada, independente, reflexiva.

Vale dizer que a preocupação com a Educação de Jovens e Adultos se estende ao longo dos anos, além de ter se tornado fator de cidadania, mobilizando esforços para realização de incentivos, principalmente, no que diz respeito à leitura.

A leitura na escola tem sido um ato meramente mecânico, repetitivo. Não há incentivos a fim de favorecer o aprendizado do mundo a partir da exploração de textos. E isso reflete uma consequência: de acordo com o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), 59% das crianças que frequentam o quarto ano ainda podem ser considerados analfabetos.

Jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida decorrentes do analfabetismo que, assim como a afirmação acima, quando frequentavam o ensino fundamental não tinham a menor pretensão do hábito da leitura que está na raiz do analfabetismo. Diante de tais colocações, justifica-se a escolha do assunto em questão (GADOTTI; ROMÃO, 2010).

Ao longo dos tempos, a Educação de Jovens e Adultos no Brasil tem passado por grandes mudanças, e a mais importante é o crescimento do público jovem nessa modalidade de ensino. Essa transformação é um indicador para a reflexão sobre esse tema que faz repensarmos na necessidade de novas práticas metodológicas que atendam igualmente adultos e jovens e também no ensino de conteúdos que relevem as necessidades formativas desse alunado. A inserção do jovem nesta modalidade de ensino tem se configurado como um fator desafiador para uma nova forma de fazer a EJA (HADDAD, 2007).

Pretende-se mostrar neste trabalho que a EJA tomou importância em inúmeros debates acadêmicos tanto de ordem nacional quanto de ordem internacional¹ que abarca o direito à educação de Jovens e Adultos que não fizeram

¹ Internacional, porque no ano de 1990 foi declarado pela ONU como o Ano Internacional da Alfabetização e em Declaração Mundial de Educação para Todos, qual participaram 155 países, incluindo o Brasil, realizada em Jomtien, na Tailândia.

jus à ela na idade pertinente. Apesar dessa atenção que tem sido dada à EJA, ela continuada sendo permeada por acanhadas investidas e também sem continuidade, pois possuem caráter meramente compensatório e assistencialista ratificando assim a falta de comprometimento das políticas públicas.

Quanto à metodologia utilizada, Gil (2008, p.41) faz a seguinte colocação: “Toda e qualquer classificação se faz mediante algum critério. Com relação às pesquisas, é usual a classificação com base em seus objetivos gerais. Assim, é possível classificar as pesquisas em três grandes grupos: exploratórias, descritivas e explicativas”. A metodologia escolhida foi a bibliográfica. Segundo Gil (2008, p.44) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

2. Educação de Jovens e Adultos – EJA o que é?

A escolarização de jovens e adultos além de garantia constitucional, pois é verbalizado em um dos seus artigos que todos têm direito à educação, é também considerado como demanda histórica no Brasil. Inúmeros projetos públicos ao longo dos nos abordavam a EJA meramente como substituto ou como ação compensatória, ou a simplificavam na alfabetização inicial, pois a Lei Maior – Constituição Federal de 1988 – não diferenciava educação na modalidade da EJA. E assim por um período considerável a EJA não possuía destinação específica.

De acordo Sousa e Cunha (2010) a Educação de Jovens e Adultos, no Brasil teve algum destaque em meados das décadas de 30 e 40. Décadas essas que foram marcadas por momentos conflituosos e também com diversas mudanças relacionadas aos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais da sociedade brasileira. Seu surgimento coincide, pois, com o desenvolvimento e fortalecimento do capitalismo industrial, que, de forma gradativa alcançava a evolução, evoluía, afirmando novas diretrizes, configurando um quadro de diversificadas funções, alteração dos tipos de organização das cidades, da densidade demográfica causada pela urbanização que provocou mudanças no estilo de vida produzindo um novo modo de ser e estar na sociedade.

No entanto, foi somente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96 ela ganha um novo olhar e entendimento como mostram as Diretrizes de EJA da SEED. Neste documento ressalta-se que a EJA:

[...] passa a ser considerada uma modalidade da educação básica nas Etapas do Ensino Fundamental e Médio, usufruindo de uma especificidade própria. Entretanto, é importante ressaltar a aprovação da Emenda Constitucional número 14 que suprime a obrigatoriedade do poder público em oferecer o Ensino Fundamental para os que a ele não tiveram acesso na idade própria, e ainda, suprime o compromisso de eliminar o analfabetismo no prazo de dez anos, bem como a vinculação dos percentuais de recursos financeiros estabelecidos em lei para este fim. Além disso, a partir da mesma Emenda, cria-se o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), regulamentado pela Lei 9.424/967, na qual é vetada a contabilização das matrículas do Ensino Fundamental nos Cursos de Educação de Jovens e Adultos, para fins de repasse de recursos. Este veto inviabilizou a inclusão da demanda de Educação de Jovens e Adultos no financiamento da Educação Básica. (Diretrizes de SEED/EJA, 2006, p.20).

Assim, a partir da referida Lei, efetivamente, a EJA passa a ter atenção especial. Atualmente, pode-se dizer que a educação de jovens e adultos é um campo de práticas e reflexão que inevitavelmente transborda os limites da escolarização em sentido estrito. Primeiramente, porque abarca processos formativos diversos, onde podem ser incluídas iniciativas visando a qualificação profissional, o desenvolvimento comunitário, a formação política e um sem número de questões culturais pautadas em outros espaços que não o escolar. Além disso, mesmo quando se focalizam os processos de escolarização de jovens e adultos, o cânone da escola regular, com seus tempos e espaços rigidamente delimitados, imediatamente se apresenta como problemático (SILVA, 2010).

2.1 Educação na EJA com o envolvimento de todos

Importante considerarmos como forma eficaz de motivação a aprovação popular de determinado projeto feito na mesma base: escola-comunidade. Desta

maneira, se a comunidade aprova, participa positivamente, apoia, o objetivo da escola cidadã foi atingido e a motivação em interagir com a comunidade será ainda maior. Convém salientarmos ainda que, se de um lado, determinado Projeto escuta a comunidade para desenvolver suas atividades, por outro receberá o retorno desses participantes, avaliando, dando seu parecer sobre o que viram e vivenciaram e dessa forma, participam não somente como alunos, pais ou comunidade em geral, mas também como “educadores”, ensinando o que sabem, dividindo e trocando experiências.

E por fim, considerando os dizeres do autor acima citado:

A escola aberta para toda a comunidade, sem discriminação, tende a ser um estímulo para o enriquecimento do aprendizado e das relações – entre professores e alunos, pais e professores, filho e pais e pais entre si. Surgem novas amizades, independentemente de idade, profissão ou classe social dos freqüentadores. Naquele espaço, todos são iguais e têm interesses comuns, de crescer e buscar, cada um escolhendo o próprio caminho para a realização pessoal (HORA, 1994, p.110).

As pesquisas verificam regularmente que o envolvimento da família tem um efeito positivo no aproveitamento de crianças, jovens e até mesmo adultos e é o indicador mais preciso do sucesso de um aluno na escola. Além da família, dos alunos, dos funcionários e da sociedade em geral manifestarem o papel de educador, esses também têm por responsabilidade sensibilizar parceiros em potencial para que também assumam esse papel frente a uma educação democratizada e uma escola cidadã, especialmente, quando diz respeito à EJA.

A função de professor, também uma atividade individualizada, focaliza os aspectos relativos ao ensino e é uma forma eficaz de abordar necessidades específicas, como a competência do aluno em leitura, redação ou matemática.

Vale dizer ainda que é imprescindível que o professor atue no emocional também do jovem e adulto, aproximando-se, mantendo dialogo, elogiando o seu trabalho, reconhecendo seu esforço, constituindo formas cognitivas de vinculação afetiva, promovendo assim uma aprendizagem significativa.

E no caso da EJA os professores devem ser capacitados e bem preparados para o trabalho com a sua clientela. Pois esta mesma clientela tem vários desafios

a serem vencidos. E se não houver motivação por parte de educadores e até mesmo dos gestores mediante uma gestão democrática eficaz, essa clientela tende a evadir-se rapidamente.

Sobre o assunto Charlot (2000, p.72) coloca:

O primeiro desafio de um aluno que inicia um curso na EJA é vencer a si mesmo. Depois outros embates serão travados no desafio de se adaptar a essa nova realidade. A ocorrência de vários fatores é que irá determinar o tempo que o mesmo permanecerá na escola. Há alunos que desistem logo nas primeiras semanas de aulas, e ainda outros que permanecem por um ou dois anos na escola, mas acabam por desistir e voltam à sua origem, deixando para trás todas as conquistas alcançadas, bem como o esforço de todos aqueles que se envolveram nessa trajetória. Não conseguindo adquirir as condições necessárias à sua permanência na escola, ao aluno, que está construindo sua própria imagem, resta o sabor do fracasso. Mediante a incapacidade de adquirir os novos conhecimentos e a nova sociabilidade necessária à sua permanência no curso, constata a frustração de seu sonho em conquistar sua independência e ocupar lugar social que o faça sentir-se reconhecido e valorizado. O insucesso causa-lhe danos na relação consigo mesmo podendo eventualmente, acarretar consequências como: depressão, droga, violência, inclusive suicida.

Depreende-se de tal afirmação que já é, praticamente, um desafio uma superação do jovem e/ou adulto além de tantos outros embates no decorrer dos dias, e por estes motivos o envolvimento do professor, família, comunidade e até mesmo do gestor escolar é de fundamental importância face esse novo perfil que está sendo inserto na EJA.

2.1.1 O Novo Perfil da EJA

Ferrari e Amaral (s/d.) apontam em uma publicação que desde o ano de 2000 já havia uma pontuação feita pelo Censo que trazia um número de 79% caracterizados por jovens dos três milhões que frequentariam a EJA, o que assinala um novo perfil de alunado.

No entanto esse “jovem” não é o mesmo “jovem” que está prestes concluir, normalmente, o Ensino Médio aos 15 anos como bem colocado por Ferrari e Amaral (s/d.):

Uma primeira consideração deve ser a de reconhecer este jovem como um sujeito, cuja história não é a mesma de outros jovens da mesma idade, que estão ingressando num nível superior de escolaridade ou buscando cursos de especialização profissional para acessar ou se aprimorar para o mercado de trabalho. O jovem de EJA deve ser visto como uma pessoa, cujas condições de existência, remetem à dupla exclusão, de seu grupo de pares da mesma idade e do sistema regular de ensino, por evasão ou retenção.

O novo perfil de “jovem” da EJA diz respeito àquele jovem que está inserido no mercado de trabalho ou em busca dele. Esse mesmo jovem está à procura de concluir etapa que não foi possível concluir no tempo normal a fim de conseguir um trabalho, assemelhando-se ao adulto neste aspecto.

A fim de comprovar esse “novo” perfil cito alguns depoimentos de jovens sobre o porquê abandonaram a escola e ainda jovem retornam à EJA:

Jailton, 16 anos, Sergi (Mercês)

Repeti duas “vez” a 1a série. Saí da escola porque fui trabalhar com meu tio no pastoreio dos “boi”. Estudava pela manhã. Depois tentei estudar de noite, mas acabaram com o ensino noturno. Mandeí meu cunhado arrumar um serviço pra mim em Feira de Santana. Faço qualquer coisa: mato boi, dirijo carro, já trabalhei de atendente de lanchonete...daí comecei a trabalhar no restaurante e o patrão exige estudo pra tratar com os “cliente”.

Mariana, 17 anos, Sergi (Mercês)

Arrumei um emprego de babá em Salvador e voltei no meio do ano passado. Este ano eu me matriculei depois que voltei de Feira, onde tava procurando trabalho, mas num dei pra acompanhar os “assunto” que já tinha sido dado. Larguei no meio do ano porque tava muito pesado pra minha cabeça. Ficou muita responsabilidade dar conta das “coisa” de casa e estudar. Por isso, ano passado estudei só três meses. Este ano tive que levar os “estudo” a frente porque preciso arrumar um bom Emprego. E foi por isso que escolhi fazer a EJA.

2.1.2 Características dos alunos da EJA

De acordo com Sousa e Cunha (2010) algumas das características que fica em evidencia em salas que abarcam a EJA são, normalmente: timidez e atitudes de irreverência. Têm vergonha de fazer questionamentos, responder perguntas e, muitas vezes mostram-se agitados e indisciplinados.

Assim como dito anteriormente, o papel do professor é determinante para a não ocorrência de reiterada situação de fracasso escolar.

Túbero (2008) coloca em seus estudos que o fracasso escolar é um conceito amplo, no entanto, pode ser entendido como a presença de reprovação e/ou evasão. Conclui mediante suas pesquisas que a evasão é uma faceta do fracasso escolar de crianças e de jovens também; não uma evasão voluntária e individual, mas sim uma evasão a que os alunos são submetidos.

Sobre o fracasso escolar Bourdieu e Passeron (apud Sousa et al. 2011, p.28) trazem uma importante colocação:

A escola desconsidera o capital cultural de seus estudantes da classe pobre, sendo o professor responsabilizado pela evasão e pelo fracasso escolar do aluno, ou seja, “os professores partem da hipótese de que existe, entre o ensinante e o ensinado, uma comunidade linguística e de cultura, uma cumplicidade prévia nos valores, o que só ocorre quando o sistema escolar está lidando com seus próprios herdeiros.

Depreende-se da colocação acima que muitas vezes os professores não acompanham a evolução da escola que hoje se encontra na sociedade de conhecimento como relatado no início deste trabalho e por isso acabam sendo os principais responsáveis pelo fracasso do aluno. E isso pode acontecer, especialmente, com esse novo perfil da EJA.

Com relação ao mesmo assunto como Bourdieu-Passeron (1975) e Cunha (1997), ambos citados por Sousa et al. (2011) expressam a ideia de que a escola é responsável pelo sucesso ou fracasso dos alunos, principalmente daqueles pertencentes às categorias que por algum motivo já deixaram a escola.

2.2 Leitura: considerações gerais

Este item do presente trabalho tem por finalidade discorrer sobre a leitura para, posteriormente, entrar nas considerações acerca da Mediação.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), pode ser considerada a leitura o processo no qual o leitor – no caso a criança – executa um trabalho na construção dos significados. Não se tratando, pois, meramente, de se extrair informação da escrita, mas de uma atividade que promove a compreensão dos sentidos.

Assim como diria Foucambert (1994) “somente a leitura permite essa relação com a escrita, representando um desafio fundamental da vida democrática nas áreas sociais, técnicas, culturais e políticas.”

Vale ressaltar ainda que a leitura depende de certas habilidades visuais, pois toda leitura depende de certa criticidade e certo entendimento para focalizar o estímulo e, conseqüentemente, distinguir uma forma de outra.

Nesse sentido Teberosky e Cardoso (2000) relatam que é preciso lembrar sempre que o movimento correto dos olhos durante a leitura pode ser afetado por diversos fatores, desde o interesse que o texto desperta até a maneira como aprendeu de ler. Ler em casa, uma oportunidade muito saudável para estimular o indivíduo a ter prazer na leitura, mas isto deve ser compartilhado pela família.

Nesse sentido, Romão e Pacífico (2006) fazem a seguinte proposição:

Julgamento fundamental a investigação acerca da abrangência do que possa vir a ser leitura dentro e fora da escola e, por isso, tememos que o seu uso seja banalizado, queremos dizer, todos se preocupam com isso, no entanto, essa preocupação fica só em teses, propostas, planos diretores e o que vemos é que os alunos continuam a não ler. Pior, continuam a não gostar de ler (ROMÃO E PACÍFICO, 2006, p.16).

Desta forma, se não houver um trabalho com afinco da leitura na escola, ou seja, que seja esclarecido que realmente a leitura é trabalhar com significados, meios de diálogo, por isso ser importante o fato de professor ao proporcionar meios para a aquisição da leitura para que sua imagem não seja deteriorada (ROMÃO e PACÍFICO, 2006).

A leitura é importante não somente para a criança, mas também para jovens e adultos. Pois é por meio da leitura que há o desenvolvimento seu conhecimento cognitivo, de palavras, e seu raciocínio crítico e lógico também, e começar a formar uma formação escrita (ROMÃO e PACÍFICO, 2006).

Para Lajolo apud Geraldi, 2001:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-los a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO apud GERALDI, 2001, p. 95).

Freire (1994) diz que ao se conceber o ato de ler como um processo dinâmico, naturalmente se está priorizando a formação de um leitor crítico e criativo. É evidente que a formação desse leitor não depende exclusivamente da escola, mas cabe a ela uma parcela da responsabilidade nesse trabalho. Conforme, o escritor francês Michel Tournier apud, Silva, (1991), “o homem é ser essencialmente criador. O homem tem absoluta necessidade de criar”. Ora, confirma o estudo de Freire (1996), a leitura promove a formação de uma pessoa criativa e crítica. O filósofo Tournier (1898-1896) por seu turno, também concorda com essa linha de consideração ao explicar que a leitura não se limita ao ato de decodificação da mensagem, mas deve contar com o tempo de assimilação daquilo que se vê, sendo esta, a condição para o elemento criativo que envolve a leitura.

2.2.1 O Hábito da Leitura

Valendo-nos dos dizeres de Freire (1996), pode-se afirmar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. O hábito da leitura forma-se cedo e o exame do contexto familiar comum mostra que é muito difícil sua formação.

Segundo Machado (1991), a leitura é um dado cultural: o homem poderia viver sem ela, e durante séculos, foi exatamente isso que houve. No entanto, depois que os sons foram transformados em sinais gráficos, a humanidade, sem dúvida,

enriqueceu-se culturalmente. Surgiu a possibilidade de guardar o conhecimento adquirido e transmiti-lo às novas gerações.

Pelos motivos elencados é que ler se tornou no decorrer do tempo cada dia mais importante. E essa leitura está relacionada não apenas a decifrar códigos, mas discuti-lo de forma a elaborar seu próprio pensamento.

Sobre o assunto Machado (1991, p.18) faz a seguinte colocação:

Por isso dizemos que ler, no sentido profundo do termo, é o resultado da tensão entre leitor e texto, isto é, um esforço de comunicação entre o escritor, que elaborou, escreveu e teve impresso seu pensamento, e o leitor, que se interessou, comprou ou ganhou, folheou e leu o texto. Também por isso a leitura é uma atividade individual e só a leitura direta, sem intermediários, é leitura verdadeira: a leitura silenciosa, que mobiliza toda a capacidade de uma pessoa, é uma atividade quase tão criadora como a de escrever.

Assim, é essencial que o hábito a ser adquirido gradativamente, é preciso que se dê desde o início à criança, o objeto a ser lido, ou seja, o livro, ou uma revista, ou um jornalzinho, respeitando, obviamente, seu nível de aprendizado. Daí a divisão em faixas de interesse, ou faixa etária, normalmente usada, que nada mais é do que uma indicação para essas diferentes etapas da lenta caminhada até o domínio total da leitura (MACHADO, 1991).

E se a leitura deve ser um hábito não deve ser considerada em momento algum como obrigatória. Para que a criança, o jovem e o adulto façam hábito da leitura é preciso que eles gostem do que estão fazendo. E se deve ser um hábito, a leitura deve começar a ser sugerida o mais cedo possível (MACHADO, 1991).

2.2.2 A Mediação Pedagógica: elemento essencial à formação do leitor do EJA

A literatura de Almeida (2011) traz que formar um leitor é algo de certa complexidade e que precisa de um conhecimento afincado do processo como um todo, além do entendimento e compreensão acerca do papel do professor e do aluno numa aula de leitura, por exemplo.

Antes de iniciar nossas reflexões faz-se oportuno algumas considerações acerca do que é a mediação pedagógica e seu papel na formação do leitor. Neste sentido afirma Almeida (2011, p.62):

A mediação pedagógica ocupa um lugar privilegiado em qualquer processo de ensino-aprendizagem. No ensino presencial, por exemplo: destaca-se a mediação do professor que atua entre a informação e a aprendizagem do estudante. Essa informação só será válida na medida em que contribua para desencadear um processo educativo. Uma informação em si mesma não potencializa o aprendizado da mesma forma que uma informação mediada pedagogicamente. Dessa forma, podemos dizer que a mediação pedagógica parte de uma concepção radicalmente oposta à dos sistemas de instrução baseados na primaziado ensino como mera transferência de informação.

Ou ainda como bem colocado pelo estudo realizado por Gervai (2007) que pode ser considerada Mediação o processo que há uma intervenção de um componente de forma intermediária em qualquer relação que seja, ou seja, a relação passa de direta para uma relação que tem uma intermediação. E ainda Gervai (2007, p.32) dá o seguinte exemplo: “se uma criança quer pegar uma abelha em sua mão e a mãe diz para não fazê-lo, pois poderá levar uma picada, a relação estará sendo mediada pela intervenção da mãe”.

Oliveira (apud Gervai, 2007) coloca que a inserção dos elementos denominados de mediadores agrega ainda mais as relações, especialmente, aquelas que envolvem ensino-aprendizagem da leitura tanto para crianças quando para jovens e adultos.

Estudo desenvolvido por Oliveira (2012) traz que a mediação pedagógica convencional e utilizada na Pedagogia Tradicional é aquela em que tudo o que acontece tem como centro o professor educador. Ele é o único e exclusivo detentor do conhecimento, mas de uma forma superficial sem trabalhar de forma reflexiva e crítica do aluno e isso acontece muito na Educação de Jovens e Adultos.

Nesse sentido Oliveira (2012, p.03) coloca:

A mediação nessa linha pedagógica é geralmente feita por meio de provas, regras, conteúdos, “controle” da classe, etc.

Com isso não se tem uma valorização do estudante, não é estimulado o seu raciocínio, o seu ato de pensar, de intervir, de participar da vida social, da vida da escola.

Outra colocação a ser feita é que a partir da referida linha pedagógica muitas vezes o aluno da EJA, inclusive, se torna um mero reprodutor de idéias e do conteúdo em que fora transmitido pelo mediador (o professor), pois este na hora da ocorrência da mediação pedagógica, apenas tem a preocupação em “repassar” os conhecidos sem se preocupar se o aluno, efetivamente, aprendeu. E essa reprodução automática de conhecimentos faz com que o aluno tenha um aprendizado superficial, não é capaz de se aprofundar em determinado aprendizado, principalmente, quando se trata da leitura (OLIVEIRA, 2012).

Por outro lado há a linha da Pedagogia Renovada com base na perspectiva da didática da Escola Nova. Referida perspectiva vai de encontro à teoria anteriormente elencada. O centro agora é o aluno e não mais o professor. O mediador (professor) trabalha no sentido de que o aluno é o centro do aprendizado.

Sobre o assunto Libâneo (1994, p.65) coloca: “O que o professor tem a fazer é colocar o aluno em condições propícias para que, partindo das suas necessidades e estimulando os seus interesses, possa buscar por si mesmo conhecimentos e experiências”.

2.2.3 A importância de um Professor Reflexivo na Leitura e Mediação na EJA

Apoiando-se nos dizeres de Alarcão (2008) que tem a noção de professor fundamentada na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que diferencia o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de ideias e práticas que lhe são exteriores, em outras palavras poderíamos dizer que mediante tantas incertezas e imprevistos ele atua de forma inteligente e flexível.

A atividade do mediador/educador implica em atos que abarcam seres humanos, e assim sendo a razão que invade a sua ação é uma racionalidade dialógica, interativa e reflexiva na lógica do que afirmam Garrido, Pimenta e Moura (apud ALARCÃO, 2001, p.23):

Na última década, a literatura sobre a formação do professor reflexivo tem-se deslocado de uma perspectiva excessivamente centrada nos aspectos metodológicos e curriculares para uma perspectiva que leva em consideração os contextos escolares. (...) São produtoras de práticas sociais, de valores, de crenças e de conhecimentos, movidas pelo esforço de procurar novas soluções para os problemas vivenciados.

É fato que a complexidade dos problemas que hoje se colocam à escola não encontra soluções previamente cortadas e aplicadas de forma sutil. Muito pelo contrário, esses problemas exigem que os professores tenham uma capacidade de leitura ampliada e afinada com o objetivo precípuo de encontrar soluções estratégicas e as mais adequadas para elas.

Nesse sentido Alarcão (2008, p.42) faz uma colocação bastante pertinente:

Continuo a acreditar nas potencialidades que nos oferece a proposta de formação do professor reflexivo. No meu país reconheço nela um potencial que tem ajudado os professores a tomarem consciência da sua identidade profissional que, só ela, pode levar à permanente descoberta de formas de desempenho de qualidade superior e ao desenvolvimento da competência profissional na sua dimensão holística, interativa e ecológica. Reconheço, porém, a necessidade de proceder a novas formas de aprofundamento e de, como afirmei na introdução, acentuar o caráter colaborativo no coletivo docente.

Imbérnón (2006) ressalta que o professor ou a professora não deveria ser um técnico que desenvolve ou implementam inovações prescritas, mas deveria converter-se em um profissional que deve participar ative criticamente no verdadeiro processo de inovação e mudança, a partir de e em seu próprio contexto, em um processo dinâmico e flexível.

3. Considerações Finais

Como visto no decorrer da presente pesquisa a EJA tomou importância em inúmeros debates acadêmicos tanto de ordem nacional quanto de ordem

internacional² que abarca o direito à educação de Jovens e Adultos que não fizeram jus à ela na idade pertinente.

Apesar dessa atenção que tem sido dada à EJA, ela continuada sendo permeada por acanhadas investidas e também sem continuidade, pois possuem caráter meramente compensatório e assistencialista ratificando assim a falta de comprometimento das políticas públicas.

A EJA carece de uma mediação efetiva, por meio de um mediador/educador que faça o aluno do EJA pensar, refletir, analisar, sintetizar, criticar, criar, classificar, tirar conclusões, estabelecer relações, argumentar, avaliar, justificar etc. Para isto é preciso que os docentes trabalhem com metodologias participativas, desafiadoras, problematizando os conteúdos e estimulando o aluno a pensar, a formular hipóteses, a descobrir, a falar, a questionar, a colocar suas opiniões, suas divergências e dúvidas, a trocar informações com o grupo de colegas, defendendo e argumentando seus pontos de vistas.

E para que essa mediação efetiva aconteça uma formação diferenciada se faz necessária, especialmente, para os mediadores/educadores que atuam na EJA. E não é uma formação qualquer, mas uma formação diferenciada, aquela que a partir das dificuldades dos Jovens e Adultos que já enfrentam alguma dificuldade por terem sido inseridos tardiamente na escola, possam ultrapassam todas as demais, principalmente, aquelas decorrentes do trabalho com a leitura no cotidiano escolar da EJA.

E embora seja uma habilidade inserida no nosso cotidiano e por mais simples que possa parecer, não é uma tarefa tão fácil assim. E como visto no decorrer deste artigo a leitura vai muito além de decifrar códigos. Decifrar apenas não é o suficiente é preciso que o aluno além de contextualizá-la também faça uma reflexão sobre a leitura feita, de maneira reflexiva e crítica.

Finalizamos este artigo com a sábia colocação de Paulo Freire (2006, p.62):

Esse fato precisa ser mudado e o professor só conseguirá transformá-lo a partir do momento em que promover uma aprendizagem significativa e para tal é necessário penetrar no pensamento do aluno. Meu bom senso me diz. Saber que devo respeitar à autonomia, à dignidade e à identidade do

² Internacional, porque no ao de 1990 foi declarado pela ONU como o Ano Internacional da Alfabetização e em Declaração Mundial de Educação para Todos, qual participaram 155 países, incluindo o Brasil, realizada em Jomtien, na Tailândia.

educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à de algumas virtudes ou qualidades criação sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ALMEIDA, Luiz Ricardo Ramalho de Almeida. **A mediação pedagógica na formação do leitor da Educação de Jovens e Adultos**: uma análise do Projeto Acreditar da Secretaria Municipal de Educação de Natal/RN. INTERFACE – Natal/RN – v.8 – n. 1 - jan./jun. 2011.

BRASIL. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretrizes curriculares da Educação de Jovens e Adultos. Curitiba: Memvamen, 2006. Disponível em < <http://www.iiep.org.br/ejafic/diretrizes.pdf>>. Acesso em: 21 abr.2018.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COIMBRA, Liliane Aparecida José; SOUTO, Keli Cristiane Eugenio. **A prática da leitura no processo ensino-aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos – EJA**: um estudo na Instituição Pólo da Cidade de UNAÍ-MG. 2011. Disponível em <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/pt/arquivos/sielp2012/315.pdf>>. Acesso em: 15 mai.2018.

FERREIRA, Verena Santos Andrade. **A leitura na Educação de Jovens e Adultos**: experiências e representações. 113 p. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, 2012. Disponível em <http://www.ppgel.uneb.br/site/textos/disserta/2012/ferreira_verena.pdf>. Acesso em: 15 mai.2018.

FERRARI, Shirley Costa; AMARAL, Suely. **O aluno de EJA: jovem ou adolescente.** s/d. Disponível em < http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/revista_shirleycostaferra.pdf>. Acesso em: 30 mai.2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 23 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 41. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GERVAI, Solange Maria Sanches. **A Mediação Pedagógica em contextos de aprendizagem on line.** 249 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifca Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em < http://www4.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/teses/solange_gervai.pdf>. Acesso em: 21 mai.2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. 11 repm. São Paulo: Atlas, 2008.

HADDAD, Sérgio, **Novos Caminhos em Educação de Jovens e Adultos – EJA.** São Paulo: Global, 2007.

LOSS, Valéria Pinetti. **A importância da Leitura na alfabetização de Jovens e Adultos.** **Castelo Branco Científica**, ano I, n.1, janeiro/junho de 2012. Disponível em <<http://castelobrancocientifica.com.br/img.content/artigos/artigo10.pdf>>. Acesso em: 15 mai.2018.

MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro.** São Paulo; Ática, 1991.

OLIVEIRA, Diego Greinert de. **A mediação pedagógica como prática docente: uma análise da pedagogia histórico-crítica e demais correntes pedagógicas.** **Revista Eletrônica: LENPES-PIBID DE Ciências Sociais – UEL.** N.2, 1, jul.-dez,

2012. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/2%20Edicao/DIEGO%20-%20para%20publicar%20revista%20lenpes.pdf>>. Acesso em: 21 mai.2018.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa.; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Era uma vez uma outra história: Leitura e interpretação na sala de aula.** São Paulo: DCL, 2006.

SILVA, Líbia Suzana Garcia da. **Juvenilização na EJA: experiências e desafios.** 108 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27414/000764715.pdf>>. Acesso em: 20 mai.2018.

SOUSA, Kezia Costa de; CUNHA, Nathan da Silva. **Perfil dos alunos de Educação de Jovens e Adultos de Teresina.**

TEBEROSKY, Ana.; CARDOSO, Beatriz. **Reflexões sobre o ensino da Leitura e da Escrita.** 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

TÚBERO, Rosana. **Evasão de alunos negros no ensino médio: olhares de professores, gestores e estudantes.** 2008 197f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br>>. Acesso em: 02 mai.2018.